

# Por meio da linguagem, sujeito das redes sociais pode ser construído em sala de aula

→ Muito tem sido dito a respeito do emprego das redes sociais, tão usuais no cotidiano de alunos e professores, a fim de que, nas escolas, ultrapassem a finalidade de entreter e, bem utilizadas, tornem-se valiosas ferramentas de interação, pesquisa e produção de conhecimento. Entretanto, pouco tem sido realizado com o intuito de levar o aluno a refletir sobre as diferentes formas de construção do sujeito/do ser virtual.

A internet dispõe de suportes virtuais (blogs, fotoblogs/instagram e redes sociais, como o facebook), ou seja, de ferramentas interativas nas quais é possível criar perfis, bancos/fóruns de assuntos diversos, comunidades públicas virtuais para os mais variados fins. Para Maria Sidalina Gouveia, supervisora pedagógica de Língua Portuguesa no Instituto Qualidade no Ensino (IQE), nesses espaços, os usuários, por meio de práticas discursivas (verbal e não verbal), relacionam-se em ambiente aparentemente menos excludente e mais democrático, pois as “realidades” psíquica, emocional e cognitiva dos sujeitos podem ser projetadas nessas redes, de forma real ou imaginada, favorecendo novas articulações sociais.

“O sujeito das redes sociais não é real, mas também não é irreal, isto é, existe a possibilidade de vir a ser ou simplesmente continuar a ser uma representação, escolhida pelo próprio internauta, para ser apresentada no meio digital. Nas práticas discursivas das postagens em ambiente virtual, é possível perceber o sujeito ins-

taurado de maneiras diversas”, explica.

Sidalina cita como exemplo de uma dessas formas de instauração do sujeito o ser “ator”, que idealiza o seu “eu”, em geral, com a intenção de agradar e não ser excluído dos grupos; o ser interativo, extrovertido e bem relacionado, mas total ou parcialmente dependente do suporte para ser quem é; o ser habilidoso, dinâmico e moderno, que se relaciona com pessoas que compartilham dos mesmos interesses; o ser isolado, com baixa autoestima, que necessita de atenção.

“O sujeito dos ambientes virtuais é uma manifestação do momento, visto que seu

perfil (caracterização geral) é concebido de acordo com intenções que direcionam o que, como e por que dizer de uma determinada forma. A discussão, em sala de aula, sobre essas diferentes formas de (re) construir o sujeito ou os sujeitos das redes sociais, por meio das práticas discursivas, justifica-se por serem esses suportes uma realidade na relação professor/aluno, o que antes estava restrito às paredes da sala de aula, popularizou-se e ganhou espaço no mundo virtual – e levará o aluno a reconhecer que o ambiente e o sujeito virtuais são controladores, mas também facilmente

manipuláveis”, avaliou Maria Sidalina Gouveia do IQE.

O fato de a virtualidade configurar-se em uma “realidade” paralela possibilita ao sujeito ser outro, ou ele mesmo, em outro espaço. “Fazer parte dessa engrenagem viabiliza certo conforto para o sujeito, pois ele tem a sensação de poder comandar o que quer ser no momento e na hora que desejar, e o seu “eu” será revelado se assim o quiser.

Dessa forma, o indivíduo tem a impressão de ser livre, quando, na realidade, continua a participar de uma sociedade de controle”, pontua a supervisora pedagógica de Língua Portuguesa.

